Editorial

Jânio Quadros Quadrado

Decididamente os articulistas e politiqueiros de plantão não estão levando o Brasil a sério. Ele está sendo caracterizadamente tratado como um paciente terminal. Isso fica claro quando alguém na Turquia anuncia que existe um manifesto assinado por 11 milhões de brasileiros "exigindo", isso mesmo, exigindo que o quase falecido, quase cego (ele mesmo já admitiu), alcoólatra convicto Jânio Quadros, seja candidato à Presidência da República para, pasme, "salvar o Brasil".

Como diria o gaúcho espantado: "que barbaridade tche". Meu deus, o homem está pedindo pelo amor de Deus para que o esqueçamos. Já chegou a fixar residência em Londres tentando sair fora dessa arapuca. Só falta mesmo Jânio naturalizar-se estrangeiro para poder inviabilizar de vez a sua candidatura.

Mas isso cheira à coisa armada pela... bem pela direita, esquerda, pela reação, enfim. Sim, porque digamos que o Jânio tenha um rompante ou uma crise de sonambolismo ou um delírio alcoólico e aceite ser candidato e os eleitores de ressaca, vão às urnas e o eleja. O que acontecerá? Certamente não ficará seis meses no Planalto. E também não renunciará. Será deposto por uma crise de suas loucuras ou por qualquer outro motivo. Mas governar mesmo que é bom, neca. Perdão pelo cacófato. E aí?

Aí, teremos um monte de gente querendo ficar no lugar dele. E o que é pior, por vias indiretas e indecentes. Enfrentar o pleito num país tão grande como o Brasil, com mais de 70 milhões de jovens eleitores que estão loucos para votar, só para alguém muito corajoso, combativo, ou alguém, como o Jânio, que nada tem a perder. Nem mesmo a vida, que aliás, há quem diga, foi tão bem vivida que chega a causar inveja aos áureos tempos de virilidade do falecido presidente norte-americano, John Kennedy, que teve caso com a loura do século, Marylin Monroe, Endy Dickson, Shirley McLane e outras superstars de Hollywood.

Seria subestimar demais os jovens eleitores, alguém acreditar que estes estariam dispostos a escolher como seu legítimo representante, um velho que só causou prejuízo ao país. Além do que, não precisa ser nenhum bom entendedor de política para sacar que Jânio Quadros é o grande responsável por essa situação que estamos vivendo. Isto é, por causa de sua fraqueza diante do poder, ele, covardemente, entregou o país à meia dúzia de militares e tecnocratas que cometeram as mais absurdas injustiças sociais porque sempre trataram o povo, principalmente o pobre, como tratam sua prole de milicos – a socos, ponta-pés e comida barata.

Com a cara da cidade

Germano de Oliveira

Num jornal que tem a cara da cidade, nossa proposta não poderia ser outra a não ser registrar os anseios da população desta mesma cidade.

Por isso, a direção da Folha e toda sua equipe de reportagem está aberta para as reivindicações populares. Numa época, em que o país enfrenta, talvez, a sua maior crise econômica e social, é necessário que os meios de comunicação de massa se voltem para registrar a luta de milhões de brasileiros que a duras penas "vai levando a vida". Todavia, não temos que transformar de uma vez por toda esse "jeitinho" em solução. De forma que, a Folha se coloca à inteira disposição da comunidade para, na medida do possível, auxiliá-la nesta batalha pela sobrevivência.

Caro leitor campo-larguense envie suas críticas a todo e qualquer segmento da sociedade. Não discriminaremos ninguém. Tudo que você quiser dizer, denunciar, a Folha o fará por você. Pode acreditar.

Nasceu aqui, através do empenho de alguns bravos lutadores, assim como você, um jornal de verdade que tem um só compromisso: dizer a verdade. Aqui a sua versão se torna real.

Sabemos que durante esses quatro meses de existência, já conseguimos um dos nossos principais objetivos: mexer com a cidade. E sem nenhuma pretensão de sermos os donos da verdade, sabemos que só estamos conseguindo tal ideal, em função da credibilidade que já conquistamos junto à comunidade campo-larguense e ainda junto à região dos Campos Gerais.

A Folha de Campo Largo chega quinzenalmente às 318 prefeituras municipais do Paraná e suas respectivas câmaras municipais. Estamos resgatando a nossa cultura. Com a nossa chegada, o campolarguense vem criando o hábito de tomar mais conhecimento dos assuntos e opiniões da nossa gente. Curitiba, através dos seus jornais, já está começando a ficar preocupada, pois estamos tirando os seus leitores. Campo Largo lê a Folha. Por isso, escreva você também no jornal que é seu.

Não fazemos um jornal para agradar este ou aquele setor ou pessoas mas sim para dar crédito à voz do povo de Campo Largo.

Fotofato

Lugar seguro para a "magrela"

Para resolver o problema dos ciclistas da cidade que não tinham onde amarrar suas "magrelas" a não ser nos troncos das árvores próxima à Rodoviária, o Departamento de Utilidade Pública da Prefeitura construiu um "estacionamento de bicicletas" no local. Só que já está precisando de uma ampliação porque já se tornou pequeno. Muita gente vai até a Rodoviária para tomar ônibus até o local de trabalho e deixa sua bicicleta guardada com segurança no "estacionamento".

EXPEDIENTE

FOLHA DE CAMPO LARGO
Diretor Presidente: Germano de Oliveira
Diretora de Redação: Sirley Cardoso
Comércio de Artes Gráficas Idéias Novas Ltda
Rua XV de Novembro, 2190 - Galeria Virgínia loja 202 - telefone (041) 292-3848 - Campo Largo - PR
Reportagem: Luiz Marina Leon Bordes
Composição e fotolitos: Standart
Impressão: Editora O Estado do Paraná S/A
telefone (041) 233-6811 - Curitiba - PR

Frases

"Uma coligação agora seria uma atitude contrária a tudo aquilo que defendo e acredito".
(Senador Affonso Camargo, na Gazeta do Povo)

—oOo—

"Se eu pudesse, voltaria para o Partido Popular".
(Deputado Borges da Silveira, na Folha de Campo Largo).

Seto

Debaixo dos Panos

Tarifa de ônibus

"As empresas de ônibus de Campo Largo, que fazem o transporte coletivo urbano terão que voltar atrás com relação ao preço das passagens", comentou o vereador José Rossoni (PMDB). Segundo ele o último reajuste ocorreu de forma ilegal. Ou seja, não passou pelo crivo do Conselho Municipal de Urbanismo.

Vou de táxi

Os taxistas de Campo Largo já começam a encarar a implantação do taxímetro como uma necessidade premente. Assim, ficará mais fácil regulamentar os preços das corridas. E todos saem ganhando. Mesmo porque, em determinados casos, os motoristas acabam cobrando um preço menor que seria justo.

Brizolando

Quem não brizolar no primeiro turno, dificilmente brizolará no segundo. E o que se comenta nas lideranças pedetistas do estado. Contece que, com a repentina ascenção de Collor de Mello, via Rede Globo de Televisão, começaram a surgir muitos reticentes. . .

Vantagens

Com a implantação da Reforma Administrativa na Prefeitura de Campo Largo, muita gente saiu ganhando. Os professores de primeira classe terão uma gratificação especial de 10% e as pessoas com idade até 60 anos poderão ingressar no serviço público, através de concurso que poderão ser realizados ainda nesta administração.

Compromisso

O prefeito de Campo Largo garantiu que fará a sua parte. Ou seja, cumprirá o seu compromisso com relação ao seu partido. E no que depender dele, Brizola pode ficar tranqüilo. E avisa: "aqui estamos trabalhando e esperamos novas adesões inclusive de outros partidos", comentou Affonso.

Segurança

Os empresários e comerciantes do calçadão estão reclamando da falta de segurança no local. Nos domingos, feriadose principalmente durante à noite, o pedaço fica praticamente entregue à ação dos vândalos que depredam lojas e galerias. Até mesmo o trabalho dos guardiões fica comprometido. Outro dia, um deles foi agredido por uma moça. A violência corre solta.

Sem dinheiro

Os pedetistas estão encontrando dificuldades para arrecadar fundos para a campanha do seu candidato à Presidência da República. Os empresários, que em tese, sempre contribuem para as campanhas políticas estão divididos entre o brilho e o discurso conservador de Collor e o socialismo moreno de Leonel Brizola. Em tempo: Brizola fala em estatizar a economia. Isso não agrada os que detém o poder econômico. Pode-se dizer que o gaúcho fará uma campanha no peito e no gogó. A menos que ele dê outro tom à sua falação.

Herói sem medalha

O vereador Mauro Moraes (PMDB) de Curitiba, propôs e já foi aprovado, a concessão de um título de Cidadão Honorário da Capital para o deputado estadual Luiz Carlos Alborghetti (PMDB) de Londrina. O vereador garante que não está querendo "fazer média" com o deputado mais popular do estado. E nem tampouco está interessado em usufruir dos serviços que Alborghetti presta à comunidade carente. Alborghetti, que atua como repórter policial na Rede Bandeirantes de Televisão é líder em audiência, e em função de sua excessiva popularidade acabou se transformando num "herói dos fracos e oprimidos". Sem nenhuma preocupação em ser taxado de demagogo ou falso moralista, pela sociedade pequeno burguesa, Alborghetti vai fundo no seu objetivo e distribui sem nenhum constrangimento, cadeiras de roda, milhares de aparelhos para surdez (que são caros), além de oferecer assistência jurídica aos injustiçados.

HERÓI COM MEDALHA

Na opinião de Mauro Moraes, tem muita gente que critica a demagogia. "Mas tomara que todos esses fossem também demagogos como Alborghetti e prestassem serviços dessa natureza aos pobres que perecem na miséria, enquanto muitos, tomando o seu uísque importado, preferem criticar", disparou o vereador. E pela relevância do trabalho do deputado na capital ele passa agora a ser o "herói dos fracos e oprimidos de Curitiba" e com medalha, diploma, título, e tudo que um herói de verdade tem direito.

Alborghetti: herói dos pobres

Espaço Aberto

Um pouco de história de Leonel de Moura Brizola

* Joaquim Felizardo

Filho de pequenos proprietários rurais no interior de Carazinho, então distrito de Passo Fundo, Leonel de Moura Brizola nasceu em 1922, quinto filho de um casal que seria desfeito em 1923 pela guerra civil entre borgistas e assistas. O pai, José Brizola, alistara-se nas tropas da Aliança Libertadora que intentava derrubar a ditadura de Borges de Medeiros.

Ele escapara ileso do confronto, mas quando firmou-se a paz e os insurretos depuseram as armas, ocorreram vários assassinatos dos adeptos do levante gaúcho, especialmente entre os mais humildes.

Soldados do governo seqüestraram José Brizola de sua casa e não mais se teve notícia dele. É provável que tenha sido degolado.

A mãe, professora primária, encarregou-se de sustentar e alfabetizar os filhos em meio a grandes dificuldades. Alguns anos depois, o menino Leonel Brizola foi residir na casa da irmã que se casara e morava em Passo Fundo. Aos dez anos vamos encontrá-lo, segundo Moniz Bandeira, morando no sótão de um hotel em Carazinho. Sobrevivia engraxando sapatos e vendendo jornais. Sempre com enorme esforço foi vencendo etapas nos estudos e aos 14 anos, apenas com o dinheiro da passagem, seguiu para Porto Alegre. Era mais um entre jovens interioranos seduzidos pelas luzes da cidade, mas nem ele certamente poderia imaginar sua futura trajetória. Estudou numa escola rural de Viamão, cidade vizinha à capital, formou-se, trabalhou como operário, fiscal de moinhos, terminando por ingressar no curso noturno da Faculdade de Engenharia.

Havia na época uma grande efervescência política, desencadeada pela queda de Getúlio Vargas e pela redemocratização. Devido a sua origem popular, Brizola sentiu atração pelo nascente PTB, já que o PCB lhe parecera por demais sectário. Participou com intensidade na organização do partido em todo o Rio Grande do Sul. Lançado candidato pela Ala Moça do PTB, chegou muito jovem à Assembléia Legislativa, em 1947, obtendo cerca de 4 mil votos.

Conhecia então Neusa, irmã de João Goulart, seu colega de bancada, e se casaria com ela, aproximando-se, assim, por vínculos familiares, do futuro substituto de Vargas. Em 1950, Brizola reelegia-se como o deputado mais votado de sua legenda.

Sua figura já impressionava: além da juventude e da boa aparência, revelava-se um orador convincente, capaz de adaptar a forma da linguagem de seu discurso aos níveis lingüísticos dos mais variados auditórios. Também o conhecimento empírico dos problemas populares associado a um saber técnico originário de sua condição de engenheiro, e uma viva intuição do momento oportuno de ação política explicam a sua carreira meteórica. Mesmo assim, em 1951 perdeu as eleições para a Prefeitura de Porto Alegre por apenas mil votos. Seu adversário, também engenheiro, chamava-se Ildo Meneguetti.

A reabilitação viria em 1955, quando Brizola esmagaria com facilidade vários oponentes, iniciando uma administração que até os adversários reconheciam como brilhante. Privilegiou vilas e bairros pobres com moradias, escolas e calçamentos, mas não esqueceu a considerável classe média de Porto Alegre com melhorias urbanísticas em geral. Desta forma, emergiu no terceiro ano de sua administração como candidato natural do PTB ao governo do Estado. Porto Alegre era a caixa de ressonância do Rio Grande do Sul e louvados na competência de sua gestão, os gaúchos o escolheriam em 1958 para a chefia do Piratini (Palácio do Governo Gaúcho).

Brizola tinha atrás de si, contudo, a memória da derrota de Alberto Pasqualini, principal ideólogo trabalhista e carismático às massas cotidianas, e que fora derrotado pela anódina figura de Ildo Meneghetti, ex-prefeito da capital. Os centros urbanos e operários não tinham ainda forga para derrubar os conservadores, cujo maior eixo de apoio dava-se na zona colonial, na região do minifúndio agrícola, de aldeias e vilas interioranas, da "ilíoria rural" alimentada pelo reacionarismo do clero que via, em qualquer movimento de mudança, a presença sinistra de demônios comunistas. Brizola procurou então organizar uma frente capaz de vencer o agrupamento direitista. Fechou alianças com o PSP, pequena organização ademarista (de Ademar de Barros) e com o PRP. Esta partido, identificado com a liderança neofascista de Plínio Salgado, tinha forte penetração nas regiões de colonização alemã e italiana.

Era a única chance de dividir os conservadores de mais de 170 mil votos.

Seu governo logo se tornaria nacionalmente conhecido. Assumindo o comando de uma província que perdia o lugar privilegiado no quadro industrial da nação, em virtude do predomínio de investimentos no sudoeste, procurou com os meios que dispunha reinverter esta situação. Criou a Caixa Econômica Estadual, encampou a Light e a ITT, transformadas em CEBE e CRT, desapropriando inclusive a atenção de Washington, onde passou a ser visto com desconfiança por causa de tais nacionalizações. Mas o grande impacto de sua administração foi a expansão quase inacreditável da rede escolar. Milhares de pequenos colégios, de tijolos ou de madeira (quase sempre de madeira, então material bastante barato) foram espalhados pelo território gaúcho. Ainda hoje espanta ao viajante encontrar no meio do pampa aparentemente deserto ou da serra inóspita ou do vale perdido uma dessas escolas. Pode-se dizer, com certeza, que aí reside muito do prestígio pessoal de Brizola no Rio Grande do Sul: ele realizava projeto de Júlio de Castilhos, de quem aliás se confessava admirador, e ao mesmo tempo atendia às necessidades e impulsos íntimos de um filho de professora e que, por ironia do acaso, enfrentara pessoalmente as maiores dificuldades para estudar.

Também em seu governo, iniciou-se o processo de reforma agrária no estado: o banhado do Colégio foi o ponto inicial de uma reforma pacífica que colocaria o Rio Grande do Sul na dianteira do país, socialmente falando. Quer dizer, quando rebenta a crise de agosto de 1961, o governador Leonel Brizola desfrutava de um crédito em aberto da maioria significativa da população. Portanto, existia condições objetivas para que o mesmo convocasse o povo para defender o regime constitucional. O povo saberia entendê-lo (...)

* Joaquim Felizardo é professor de história da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Carta do Leitor

Ruas perigosas

As crianças do conjunto Habitacional Celestino Ferreira frequentam diariamente a Escola Edgar Marochi. Mas a distância para chegar-se ao local é enorme e além disso as ruas estão cada vez mais perigosas. Os carros passam em alta velocidade e os pais estão com medo de mandar os filhos para a escola. Seria bom que escolas fossem construídas mais perto das crianças, facilitando o acesso dos estudantes. Além disso, existe uma cancha de futebol que está abandonada e coberta pelo matagal. Como a Vila não oferece muitas opções com relação a divertimento, é importante zelar pela conservação do pouco que temos.

Helenice R. da Silva
Rua L - nº 17

Falta orelhão

São poucas as pessoas que podem ter um telefone residencial. Para os menos privilegiados o único recurso é o orelhão ou a casa de um vizinho. Aqui no Conjunto Celestino Ferreira, não existe nenhum orelhão nas proximidades e quando precisamos temos que ir até um armazém distante ou então apelar para a vizinhança. Seria bom se fosse colocado um aparelho no local. Tempos atrás tinha um, mas alguns indivíduos destruíram e até agora estamos sem.

Afonso Bora
Popular Nova - Conjunto Joaquim Celestino Ferreira

Merenda escolar

Já morei em vários loteamentos e dentre todos os que conheci, classifico o Loteamento Ferrari como um dos melhores. Grande parte de suas ruas são asfaltadas e atualmente muitas outras encontram-se em recuperação, o que tornará o local ainda mais bonito. Temos uma ótima escola atendendo alunos de 1ª a 4ª série mas que atualmente sofre um grande problema com relação à merenda escolar. A distribuição há muito não tem sido feita. As crianças precisam de merenda e por esta razão os pais, professores e zeladores têm feito o possível para suprir a carência.

Maria Aparecida dos Santos
Rua 6 - Loteamento Ferrari

Luz baixa

Moro no Loteamento Santa Luzia e como todos os outros moradores, gostaria que fosse mudado o sistema de distribuição de água e luz, nas casas. Com relação à água, existe apenas um relógio para cada duas casas, isto significa que dois moradores dividirão as despesas registradas em 1 talão, nisto alguém sai perdendo. Existe um transformador de luz para 50 casas em média, com isto a luz fica fraca, o chuveiro não esquenta, a TV estraga e muitas vezes as pessoas que costuram não podem usar suas máquinas porque o motor torna-se extremamente lento. Queremos solução, senhor prefeito.

Terezinha Regloski - Estrada Velha do Retiro
Loteamento Santa Luzia

Casas populares

Campo Largo precisa de muitas casas populares para que seja realizado um desfavelamento total. Morar num lugar agradável é desejo de todos e aqui na Popular Velha, o local é excelente. Quando recebemos as casas elas eram muito bem feitas e bonitas. Muitos dos moradores têm conservado assim até hoje, mas infelizmente alguns são relaxados e acabam enfeiando o local. Além da construção de casas, nossa cidade precisa também de um local adequado ao divertimento dos jovens. Aos sábados, quando tem sarau na Rondinha, quem não tem carro tem que ir de ônibus, mas para voltar tem que pedir carona ou então vir a pé.

Marina Santos Silva
Rua Quintino Bocaiuva - Popular Velha

Síro Bocaneles

Cama e mesa

Minha avó sempre dizia: "nada como o tempo para acabar com as mágoas". Verdade. Quem diria que o ex-prefeito Carlos Zanlorenzi, depois de ter brigado feio com Newton Puppi, nas eleições municipais de 1976, agora brindam nova amizade. Chegou a trair o seu candidato, nas eleições de 1988, para a Prefeitura de Campo Largo, ajudando por debaixo dos panos o Newton Puppi. Hoje pode-se dizer que ambos podem ser convidados a sentar na mesma mesa sem nenhum constrangimento das partes.

Mentor intelectual

Corre à boca pequena na cidade que Marcelo Puppi estaria fazendo parte do conselho editorial do Jornal do PMDB local. Ele está atacando até de redator. Pode?

Pedras sobre pedras

Diante de tamanha amizade, há quem diga que as pedras de Zanlorenzi poderão ser despejadas no terreno da Vila Inah, sem problemas. Pedras vão rolar e a amizade vai rolando. Até quando?

Nas coxas

Todo mundo sabe que para se aprovar um loteamento para a construção de casas e respectivas comercializações, é necessário um embasamento legal em cima de alguns critérios, dentre os quais a dotação de um mínimo de infraestrutura: abertura de ruas, eletrificação e saneamento básico. Só que, um dos prefeitos anteriores, não sei exatamente qual, aprovou o loteamento do Loteamento Rivabem II, passando por cima de tudo isso. Ou seja: aprovou um descampado. Sem ruas, sem água, sem luz, sem lenço e sem documento. E os especuladores imobiliários continuam vendendo terrenos lá. Agora, o mais absurdo é que passados mais de seis anos, pouco ou nada fizeram. Está entre às moscas. Será que o prefeito atual vai dar uma olhadinha para as bandas de lá? Seria bom.

Vou pensar

Borges da Silveira, um moderado convicto, continua sem partido. Mas está à procura de um que se enquadre dentro de sua ideologia de centro. De olho no PDT, ele começa a considerar Brizola um "cara consciente e menos radical". É por aí que começa um bom namoro. Quem sabe? Aliás, não seria por falta de convite: Affonso chegou a convidá-lo. Ele porém, plagiando a rainha Valentine, do Reino de Avilan, da novela das sete da Globo disse: "Vou pensar! Vou pen-sar!!!

Em cima do muro

Quando Collor de Mello só existia nas entrelinhas do Jornal Nacional, muitos prefeitos, deputados e vereadores faziam de tudo para "brizolar". Agora, entretanto, que o rapaz das Alagoas começou a despontar nas pesquisas e a Globo resolver descaradamente assumir a sua candidatura, os chopins resolveram ficar em cima do muro, ou melhor em cima dos galhos. Estão pesquisando qual seria o melhor ninho, para perdo-me a redundância, "aninharem-se". Neste primeiro turno tem gente que vai dizer para uns que é Brizola mas acredita que Collor significa uma renovação. E se as coisas mudarem completamente e os ventos soprarem para o lado de Lula, vai faltar operário de colarinho branco com a bandeira dos "sem-nada" em punho. Haja pastoral da terra para agasalhar tantos "religiosos" e preocupados com a "justiça social".

Cuidado com o verbo

Collorir, brizolar, aureliniar, lular, ulissiar, robertar... No primeiro turno esses verbos certamente não serão conjugados. Logo, no segundo turno, tudo vai depender de quem estiver na frente. Agora, será bonito de ver, se o primeiro turno resolver a parada e alguns desses acidentalmente faturar 50 por cento mais um. Vai sobrar muro...

Crise brasileira

Nelson Rachinski *

A conjuntura atual do Brasil exige de sua população uma reflexão séria e urgente à nível de definição de uma consciência coletiva geradora de um poder de arrigimentação urgente sob pena da instalação inevitável do estado anárquico. Enquanto se observa nos países mais evoluídos a estabilidade e a segurança social e econômica de seus contingentes populacionais, no Brasil, pela ausência total de credibilidade nas instituições politicamente organizadas, vive-se marginalmente ao ordenamento estabelecido, sob a égide de normas, regras e até mesmo de costumes assumidos pelas necessidades básicas da sobrevivência.

As instituições e as leis e, por que não, até a moral, não se impõe mais no seio da sociedade pelos seus valores intrínsecos permanentes. Cada um adota o comportamento social que mais lhe convém, segundo seus próprios princípios, os quais, ressalte-se, cada dia que passa se tornam mais relativos, estabelecendo-se assim um sistema de vida calcado na auto-determinação individual que nega o bem comum e compromete as futuras gerações.

Deve-se entender que uma nação carece de uma organização social, política e econômica estável e bem definida para que o indivíduo possa desempenhar suas funções e atribuições sociais de forma dinâmica e progressista.

Como evidenciou-se nos últimos tempos este conflito entre o modo de vida do nosso povo e as instituições que o disciplinam, pergunta-se: A quem deve-se atribuir a culpa pelo ocorrido e como se encontra a solução para a crise instalada?

Parece-nos que em essência, que nacionalmente as instituições e a legislação implantadas em si consideradas são adequadas e possuem condições de normatizar a vida em sociedade, entretanto, as pessoas que exerciteram o poder delas decorrentes nos últimos anos, quer no plano político como administrativo, pelos desmandos ditados pela incompetência e pela corrupção, desacreditaram-nas e até mesmo, as denegriram, conferindo-lhes uma aparente inadequação à realidade atual.

Destarte, ousamos concluir que a solução para a crise não está sediada nas propostas mudancistas das leis ou das instituições vigentes, mas sim, no esforço da população como um todo, de provocar a alternância no poder até a completa recuperação da moralidade pública e do bom senso administrativo, traduzido pela adoção de uma filosofia geral norteada à justiça social.

Duvidamos contudo, que esta revolução se opere apenas pelo exercício do voto à cargos isolados e solitários como o da Presidência da República, urge que o processo se estenda à todos os níveis da estrutura organizacional do país, com o apoio em um padrão cultural e educacional sólido e, basicamente, na participação efetiva de todos os segmentos da sociedade.

* Nelson Rachinski é assessor jurídico da Cocel.

Moda de Inverno é na Central

As últimas novidades para o inverno que se aproxima: para crianças, senhoras e homens, além de botas e calçados para o frio que vem aí

Lojas Central
1 — XV de Novembro, 2289
2 — Galeria Deodoro
3 — Rua Marechal Deodoro, 386

Reforma administrativa cria onze secretarias municipais

A Câmara Municipal de Campo Largo aprovou no último dia 19 de maio a lei nº 805 que implanta reforma administrativa na Prefeitura Municipal e autoriza a criação de 11 secretarias.

Sancionada pelo prefeito Affonso Guimarães a reforma administrativa baseia-se no artigo 24 das disposições transitórias da Nova Constituição Federal – que estabelece prazo de 18 meses, a contar da data de sua promulgação, 5 de outubro de 1988, para modificações na legislação municipal no que diz respeito à contratação de pessoal.

Segundo o prefeito Affonso, as administrações anteriores nada inovaram sobre o assunto, permanecendo a sistemática preconizada por instrumentos arcaicos, de certa forma, no setor administrativo. "É necessário uma mudança urgente e uma atualização desta estrutura e sua adequação às novas exigências e peculiaridades do mercado de trabalho", justificou.

A reforma pretendida, não preenche os propósitos exatos do artigo 24 das disposições constitucionais transitórias, "mesmo porque, a escolha de um regime jurídico único, determinada por aquele dispositivo, constitui uma opção que pressupõe a prévia elaboração da Constituição Estadual, ainda em fase de elaboração", explica o prefeito. Todavia, muitas novidades constitucionais,

Affonso: "a estrutura estava viciada"

de observância obrigatória, terão, de imediato, de ser reguladas em âmbito municipal, tais como: concursos públicos; fixação de idade para o ingresso no serviço público; disciplinamento do serviço temporário conforme a necessidade do município.

Alguns dos fatores que levou o prefeito a implantar essa reforma administrativa é o aumento populacional e o progressivo crescimento do município. Affonso entende que o regime de Secretarias Municipais é a forma mais racional e equilibrada de atender aos reclamos da população e, simultaneamente, imprimir maior influência na máquina administrativa.

O que diz a lei

** Em linhas gerais, prevê a criação de secretarias municipais, de caráter permanente ou extraordinário, constituindo-se estas naquelas reservadas para o trato de programa específico e cuja importância transcenda o âmbito de uma secretaria permanente. As secretarias permanentes resultarão da adaptação, fusão e desdobramentos dos departamentos existentes, em número de onze. Neles (nos departamentos), incluídas as únicas duas secretarias municipais existentes, a de Transporte e Cultura que, praticamente, funcionam como departamentos.*

**A atual estrutura de cargos de provimento em comissão é transformada dando lugar a outros cargos, mais condizentes com a natureza do "cargo em comissão". Salienta-se ainda que os cargos criados ou transformados e que pressupõem função de chefia, tais como diretor geral, diretor de departamento, chefe de divisão, chefe de setor, serão em muitos casos, preenchidos com o aproveitamento não só dos atuais componentes de cargos de provimento em comissão, como principalmente, entre os atuais servidores municipais, quer estatutários como regidos em CLT/. . .) Esta distinção, faz-se necessária para não onerar o município, mesmo porque a Nova Constituição proíbe que a despesa com pessoal suplante 65% da receita municipal. Com essa reforma o prefeito acredita que não ultrapassará os 35%*

** Além de permitir a realização de concurso público para a administração direta, a nova lei estabelece o direito de licença para o tratamento de doenças ou de outros interesses particulares justificáveis, aos servidores não estatutários. Aliás, uma reivindicação bem antiga que Affonso vem atender com a reforma.*

Particulares, ou seja, membros da comunidade poderão participar do Conselho Municipal de Urbanismo, antes restrito a pessoas vinculadas à administração do município.

** Define-se também a idade limite para o ingresso no serviço público municipal – a 60 anos – idade que não afasta o concurso, de pessoas dotadas de experiência e que, em função do limite de idade, não podiam aspirar tal função.*

** O professor, quando regente de 1ª classe, fará jus a uma gratificação de incentivo, correspondente a 10% do nível de seu respectivo salário.*

** O Cepag – Centro de Promoção Agropecuária, fica enquadrado como órgão de nível de atuação descentrada, vinculado diretamente à Secretaria de Agricultura, nos termos da mesma lei.*

**** No final das contas a Reforma Administrativa do Prefeito Affonso Guimarães revê também os salários de seus auxiliares diretos e indiretos, pois ele entende que estavam todos defasados.*

Prefeitos da RMC reúnem-se com Álvaro

"Quero destacar a importância desse encontro porque um quarto da população paranaense reside na Região Metropolitana de Curitiba", declarou, o deputado Neivo Beraldin, ao se referir à reunião dos prefeitos e lideranças dos 14 municípios da Região Metropolitana de Curitiba no último dia 29, com o governador Álvaro Dias. Segundo Neivo Beraldin, "o Paraná deve ser visto como um todo por suas autoridades, mas na Região Metropolitana os problemas se acumulam, devido à densidade da malha urbana".

Transportes coletivos, casas populares, emprego qualificado, além de formação educacional, entre outros, são os problemas mais imediatos da população da área metropolitana de Curitiba. Para Neivo Beraldin, que concentra seu eleitorado na RMC, "encontros como o do último dia 29, trarão à baila a busca de alternativas para a solução das questões reclamadas pelas lideranças municipalistas". O parlamentar disse que o problema das populações da Região Metropolitana decorre da velocidade do seu crescimento, diante do sucesso do modelo de industrialização adotado no Paraná. Ele disse ainda que tem procurado exercer seu mandato lembrando ao Poder Executivo a urgência no encaminhamento dessas questões e manifestou certeza de que "o governador Álvaro Dias está sensível para elas".

Beraldin está empenhado em auxiliar os prefeitos da RMC junto ao governador.

PESSOAL DO BRDE

Em emenda apresentada à Constituição Estadual, o deputado Neivo Beraldin propôs que "ao servidor de autarquia interestadual lotado no Estado, aplicam-se as disposições do artigo 34 da Constituição". Esse dispositivo, a ser incorporado ao Ato das Disposições Transitórias, objetiva normatizar as situações decorrentes do regime autárquico e permitirá a absorção dos servidores do quadro do BRDE no Paraná, que estão amparados pelo fato de serem funcionários autárquicos. Eles hoje estão sem função mas não podem ser dispensados por ser servidores em regime especial da Administração Estadual".

Borges da Silveira quer voltar ao PP

"Se eu pudesse e tivesse condições e uma liderança mais forte a nível nacional, voltaria para o Partido Popular", declarou o deputado federal Borges da Silveira (sem partido), ao ser questionado sobre o seu destino partidário.

Silveira justifica sua declaração dizendo que voltaria para o PP (partido que se incorporou ao PMDB nas eleições de 1982), porque ajudou a fundá-lo, e inclusive "definir sua linha ideológica", comentou. Segundo ele uma linha de centro, contra os radicalismos e extremismos, tanto de direita como de esquerda, na qual ele mais se adapta. Isso significa que ele, estaria bem mais propenso a se agrupar a outras correntes bem diferentes dessas hoje existentes dentro dos partidos políticos.

Borges da Silveira foi ministro da Saúde durante o governo Sarney, estava no PMDB e há cerca de dois meses desfiliou-se do partido sob a alegação de que o "PMDB está indefinido ideologicamente". E, descrente ele acrescenta que os partidos estão tão descaracterizados que o candidato que mais desponta nas pesquisas a presidente da República é o ex-governador do estado de Alagoas, Fernando Collor de Mello, ainda sem partido praticamente. "Exatamente porque os partidos políticos hoje não têm estrutura, unidade, filosofia, não têm perfil ideológico", salientou.

Classificando-se como um "moderado" Borges da Silveira desabafa dizendo que está percorrendo o País a fim de encontrar os seus pares, para formação de um novo partido, mas confessa que está difícil. "Estou conversando com deputados, prefeitos, vereadores e outras lideranças no Paraná para tentarmos juntos encontrar o partido ideal, que se identifique com uma ideologia de centro e possamos vencer a próxima eleição para governador do Estado", confia.

Quanto à sucessão presidencial, o deputado Borges da Silveira prefere ficar em cima do muro, a exemplo de muita gente, neste primeiro turno. Ele acredita que "seu grupo de moderados" ficará, neste primeiro turno, na expectativa. "Vamos deixar que o povo escolha livremente, para depois tentarmos organizar esse país", prtende. Ele considera ainda que, por tratar-se de uma eleição solteira – isto é, sozinha, – de nada adiantará a influência direta de prefeitos, vereadores e deputados no processo. E acredita que o eleitor se pautará pelos discursos que serão veiculados no horário gratuito do rádio e da televisão. "Depois de 25 anos, o povo não precisa de intermediários, pois está ansioso para escolher o seu presidente", analisa.

A respeito de Brizola, o deputado diz que trata-se de um político mais amadurecido, menos radical, e que tem: conhecimento da real situação do Brasil. Porém, descartou a hipótese de "seu grupo" apoiá-lo no primeiro turno. "Quem sabe no segundo", anuncia. Sobre a candidatura de Collor de Mello, Silveira diz que trata-se de uma incógnita. "Hoje ele está bem nas pesquisas, não sei se vai continuar. Ele não tem ainda uma sustentação (...)".

SIRO BOCANELES – *Borges da Silveira não é nenhuma novidade no processo eleitoral. Está como todo mundo. Aliás, como o bom mineiro. Esperando para ver o que acontece, para ver como é que fica. É sobre o "seu grupo", embora ele insista em não revelar os nomes o perfil está claro: É o grupo dos Jotas: José Eduardo (o dono do Bamerindus); Jaime Canet (o sócio dos Bamerindus); João Elisa (diretor do Bamerindus); Jaime Lerner (amigo do dono do Bamerindus); e talvez José Richa (o grande padrinho do dono do Bamerindus).*

ACERVO HISTÓRICO MUNICIPAL DE CAMPO LARGO - PR